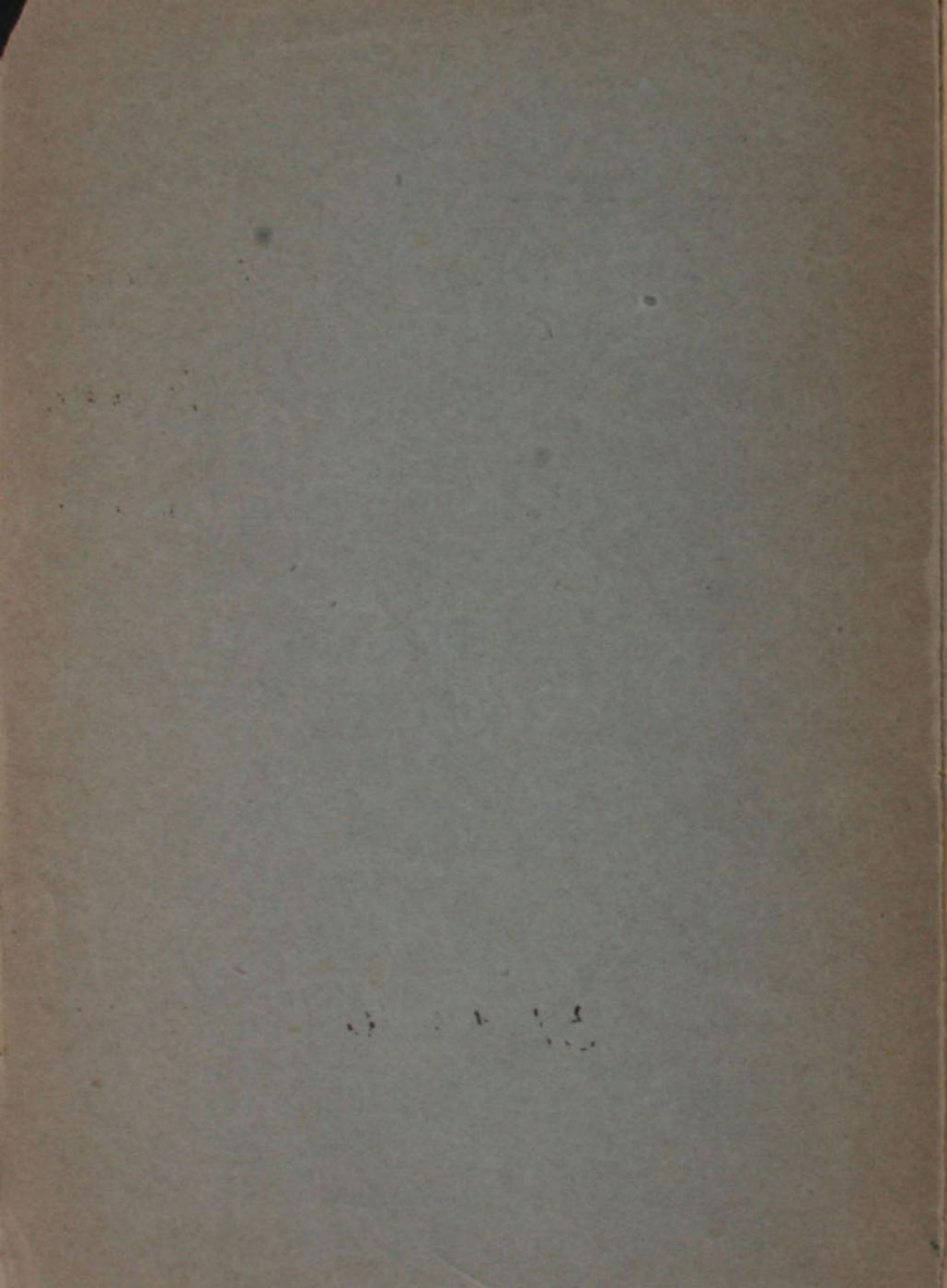


CANTIGAS



JOSÉ REBELO



CANTIGAS

A Sr. Fernando

Pessoa, poeta
ilustre, honra-
gem do

'poet'

Reiner

31 de julho de 1918

DO AUTOR

PUBLICADO :

1913 — *Ode a Camões*

1915 — *Canções do amor e da terra*

1917 — *Arte, artistas e perfis*

1917 — *Cantigas*

A ENTRAR NO PRELO :

Mario de Sá-Carneiro

Columbano

Mulheres de Camilo (versos)

CANTIGAS



JOSÉ REBELO

Todos os exemplares são rubricados pelo autor.

101

CANTIGAS

I

Quem canta seu mal espanta,
Quem canta a dôr alivia . . .
— Cantigas são¹⁰ como as àsas
Que vão em busca do dia !

II

Cantam as aves nos ninhos,
Cantam fontes de cristal . . .
— Meus olhos cantam nos teus
Todo o sol de Portugal !

III

Nesta terra da saudade,
Toda cheia de canções :
— A tristeza é um rosario,
E as cantigas orações!

IV

Das canções d'oiro e de bruma
Que andam, doidas, pelo ar :
— As mais lindas só as canta
Quem melhor souber chorar!

V

Oh! minha mãe, as cantigas
Que me disseste embalando,
Eu venho aqui repeti-las,
Venho canta-las, chorando...

VI

Nem tudo o que luz é oiro,
Nem o que ri é contente...
— Quantas vezes não cantamos
O que a alma nunca sente!

VII

Qual a ventura melhor ?
E fui vendo e interrogando,
E vi que a melhor ventura
E' só a que vae faltando!

VIII

Difosa lagrima aquela
Que ao tombar suave e linda,
Encontra dôce refugio
N'outras lagrimas ainda...

IX

Palavras, leva-as o vento ;
Mas as ditas sem prudencia
Ficam depois, muitas vezes,
A roêr na consciencia !

X

Manoel, não faças tróça,
Nem cuspas p'ró ceu, Maria :
— Podem lançar-vos na cara
O que cuspistes um dia . . .

XI

A vida é feita de sonhos,
Sonhos de triste acordar . . .
E' bem feliz quem acorda
E continua a sonhar!

XII

Corações que vão sosinhos
Sem amôr e sem esp'ranças,
São como braços de mães
Que não embalam creanças . . .

XIII

Bôca de mel, mãos de fel . . .
E' como abismo onde estão
Ninhos cantando, á entrada,
No fundo, toda a traição!

XIV

Má hora ? Não a maldigo,
Que pode sêr, por meu mal,
Eu vir a lembra-la um dia
E querer uma outra igual!

XV

Quem ama vive num trôno
E serve alguém de joelhos . . .
Traz um sorriso nos lábios
E tem os olhos vermelhos!

XVI

Os teus olhos são janelas
Abertas de par em par . . .
Por elas entra a minh'alma
E vai-se á tua juntar!

XVII

Bem ama quem nunca esquece . . .
E todo este amôr, mulher,
E' uma vida infinita:
— Anda sempre a reviver!

XVIII

Morresse o amor teu, embora!
— Ao meu viver miserando
A gloria' ao menos ficava
De o ter de novo, lembrando!

XIX

Foste á fonte e não tens agua . . .
Valha-te Nosso Senhor!
Vê o que foste buscar:
— Beijos e penas de amôr!

XX

Se o beijo fosse um perigo
E fizesse mal á gente,
Tinhas chamado um doutor,
Estavas muito doente!

XXI

Eu vou jurar que não ha
Amôr assim tão profundo :
— Amo-te como se fosses
A única mulher no mundo!

XXII

De tanto amar, nossas almas
Andam sem tino e sem lei...
Qual a minha e qual a tua ?
— Nem tu sabes, nem eu sei!

XXIII

No dia em que tu entraste
Na minh'alma, que um lar, *12*
Foi-se a tristeza sombria,
Entrou o sol a cantar!

XXIV

Passa o sorriso nos labios,
Passa o perfume da flôr,
Passa o tempo, passa a vida,
Só não passa o meu amôr!

XXV

Porque te amo ? Nem eu sei . . .
Pergunta á agua das fontes
Quem as leva para o mar,
E porque deixam os montes !

XXVI

Longe do olhar, longe d'alma,
Por muito tempo o supuz,
Mas minh'alma segue a tua
Como a sombra atraz da luz !

XXVII

Uma mentira traz outra . . .
— E' como a onda do mar
Que se vai fazendo em ondas
Até á praia chegar !

XXVIII

O riso diz alegria . . .
Todavia quantas vezes
Não se ocultam num sorriso
Tantas maguas e revezes !

XXIX

Amôr com amôr se paga,
Ouvi dizer, nem sei quando!
E quantos não dão a alma
E ficam sempre esperando!

XXX

Vai-se em busca da alegria,
E sem poder encontra-la . . .
E a alegria é-nos tão facil:
— Basta só imagina-la!

XXXI

No teu amôr eu não creio
Pois tu não podes amar :
— Se mal conheces a vida !
— Se até nem sabes chorar !

XXXII

Mãos frias, coração quente,
E tu tens as mãos de gelo . . .
— Que amôr o teu que não pode
Todo o teu corpo aquecê-lo !

XXXIII

Sôa o bem e vôa o mal
E toda a vida é assim :
— O bem a cantar-me ao longe
E o mal a vir para mim !

XXXIV

E'-se infeliz, e que importa
Se existe a esp'rança divina
Que é como a hera que ampara
E guarda toda a ruina ?!

XXXV

Ao bom calar chamam santo,
Lá diz um rifão á gente.
Mas fala quando fôr tempo :
— Quem cala tambem consente !

XXXVI

Quem desdenha quer comprar . . .
— Se não amasses assim
Não mostravas tanto empenho
Em falar tão mal de mim . . .

XXXVII

Pela bôca morre o peixe.
Pense bem toda a pessôa:
Muita vez não é o gesto
Mas o falar que atraçôa!

XXXVIII

Se os velhos passam curvados
E olham o chão com tristura,
E' porque estão escolhendo
A terra da sepultura!

XXXIX

O riso que me perturba
E me aquece interiormente,
Não n'ó aprendi na alegria
Mas na tristeza somente!

XL

Soluçam ais as estrelas
Que eu bem as oiço chorar...
— Não fossem elas as lagrimas
Que se nos ergueram no ar!

XL I

As bandeiras lembram àsas,
Doidas, no ar, tremulando . . .
— Asas feitas da nossa alma
Inquieta por ir voando!

XL II

Este mar, de o atravessarem
Portuguêses tanta vez:
Aprendeu nossas cantigas,
Fez-se também português!

XLIII

Portugal, és pequenino!
Pequeno assim toda a gente
Pode guardar-te na alma
Emquanto estiver ausente!

XLIV

Morreu Camões e até hoje
Ninguém lhe levou a palma:
— Seu corpo desceu á terra
Subiu á nossa a sua alma!

XLV

O' Portugal da aventura
Debruçado á beira-mar,
Como que a vêr o passado
No fundo, a resuscitar. . .

XLVI

O' meu país das viagens
E da praia de Belem,
Onde o teu nome se reza
Em cada onda que vem. . .

XLVII

O' minha terra tão linda
Sem igual e sem contraste :
— O mar agora é de todos,
Mas só tu o desfloraste . . .

XLVIII

O' Portugal dos poentes,
De paisagens, maravilhas,
Revivendo a toda a hora
Em milhões de redondilhas . . .

XLIX

O' minha terra das fontes,
Cheia de graça e de amôr,
Onde as estrelas se acendem
Só p'ra te verem melhor. . .

L

O' minha terra de encantos
E de encantadas manhãs,
Onde as mulheres e as flores
De tão lindas são irmãs!

LI

O' minha terra cheinha
De luar e de ilusões,
Os rouxinoes e poetas
Cantam as mesmas canções...

LII

Patria onde se morre amando
Como Inês e Bernardim...
— Por não termos outra morte
E' que morremos assim!

LIII

O' terra que descobriste
A nossa imortalidade:
— Tudo o que passa lá fica
Vivendo em tua Saudade!

LIV

Terra de amôr e de enleio,
O' terra dos meus cuidados:
A Vénus nasceu do mar...
Tu, do sangue dos soldados!

LV

A' fonte dos namorados
Fui um dia passear,
E matei a sêde á bôca
E trouxe a sêde de amar!

LVI

Bem dita a alma das arvores!
— Morre uma arvore entre trinos
E a alma é braza dos pobres,
E é canção nos violinos!...

LVII

Palavras fóra da bôca
São pedras fóra da mão . . .
— Palavras leva-as o vento,
As pedras caêm no chão!

LVIII

O calado é o melhor . . .
Quasi sempre a má palavra
Deixa-nos mais prejuizos
Que um incendio quando lavra!

LIX

O maior rei que tivemos
Foi D. Pedro, de má sorte,
Que ensinou aos portuguezes
A amar até á morte!

LX

O' saudade portugêsa,
Velhinha, de tanta idade,
Se tu morreres um dia
Has de deixar cá saudade!

LXI

A's ondas do mar, os sonhos,
Ouvi dizer, são iguais...
Mas as ondas vão e voltam
E os sonhos não tornam mais!

LXII

Eu não lamento quem traz
Lagrimas sem fim no olhar,
Que eu mais pena tenho ainda
De quem não sabe chorar!

LXIII

Foges de mim que te amo,
E, não sei porque razão :
— Quanto mais foges de mim
Mais estás no coração !

LXIV

Faz o mal, e espera o mal . . .
Quem faz mal lança semente
Que germina e frutifica
Em seu mal unicamente !

LXV

Minha ventura é pequena
Como no ceu uma estrela . . .
— Se fosse grande fugia-me,
Pequena, posso abranger-la!

LXVI

Mais vale tarde que nunca,
E espero por ti ha tanto . . .
— E tenho a alma tão triste,
E tenho os olhos em pranto!

LXVII

Quem porfia sempre alcança . . .
— E, no entanto, quanta gente
Não anda atrás da ventura
Sem a ter, eternamente !

LXVIII

Guarda o pão, poupa a alegria,
P'rá ámanhã, p'rá tua mesa :
— Bôca sem pão é miseria!
— Gasta alegria é tristeza !

LXIX

Amôr em cinzas, depois,
Se alguém o vem despertar,
E' como as àsas partidas
Que ainda tentam voar!

LXX

Quem tudo quer, tudo perde,
E tanta fortuna quiz,
Tanto amôr, tanta ventura,
Que inda sou mais infeliz!

LXXI

As penas leva-as o vento . . .
Antes não levasse, não,
Que ao levà-las não trazia
Mais penas ao coração !

LXXII

Quem espera sempre alcança,
E eu puz-me a esperar por ti . . .
— E toda a vida gastei
Na esperança em que vivi !

LXXIII

A ventura aos que a procuram,
E ao procurar-te, criança :
— Trouxe comigo a tristeza,
Deixei contigo a esperança!

LXXIV

Puz os meus sonhos tão alto
Como as estrelas no ar . . .
— Ai de mim! tão alto os puz
Que nem os posso tocar!

LXXV

Grande nau, grande tormenta,
E é bem certo este rifão :
— Quanto mais belo é o sonho,
Mais triste a desilusão !

LXXVI

Quem chora penas aumenta,
Afirma o povo cantando ;
Mas o pranto é como um berço
Esquece, vai embalando . . .

LXXVII

Ditoso de quem vivendo
Na descrença e na incerteza,
Ainda pode encontrar
Alegria na tristeza . . .

LXXVIII

Grande poeta é aquele
Que ao rimar o que ele sente,
Deixa em seus versos, chorando,
A alma de toda a gente!

LXXIX

Cantigas leva-as o vento,
E vão no vento a bailar . . .
Passam no ouvido, cantando,
Chegam á alma a chorar !

LXXX

Quem canta seu mal espanta,
E eu puz-me a cantar um dia,
Foram-se as minhas tristezas,
Mas não voltou a alegria !

Canções

Do

Amor e da Terra

POR JOSÉ REBELO

(*Capa de Saavedra Machado*)

Casa Editora de Figueirinhas & C.^a — Porto, 1945

De *O Seculo*, edição da noite, de 26-XI-915 :

... Livro de versos, mas livro de um poeta a valer, cheio de emoção e de beleza, este das «Canções do Amor e da Terra» veio revelar um escritor distinto, apaixonada alma de artista que com o maior prazer saudamos...

Da *Voç do Sul*, de Silves, 1-IV-917 :

... O que ha de mais louvavel na obra de José Rebelo é a sua poesia caracterisar-se por uma afirmação de vida e de energia poeirada pelo saudosismo tão profundamente português, sentimento tão característico da nossa raça que afugentou os monstros desses mares nunca dantes navegados. No seu livro aparecem quadras perfeitissimas que rivalisam com as melhores que conhecemos, e que só por si bastariam para lhe valorisar a obra.

Mauricio Monteiro.

Do *Diario da Madeira*, janeiro de 1916 :

... José Rebelo enfileira ao lado da ala enamorada dos que sabem cantar á lusitana, com alma, com amôr, com sentimento, sem pieguices que irritam e enervam . . .

De *A Lucta*, de 19 de Abril de 1916 :

.. José Rebelo, um poeta de valôr, que começa agora e começa por onde muitos acabam. E' um poeta de futuro, uma esperança literaria, um novo que, se continuar, será um nome.

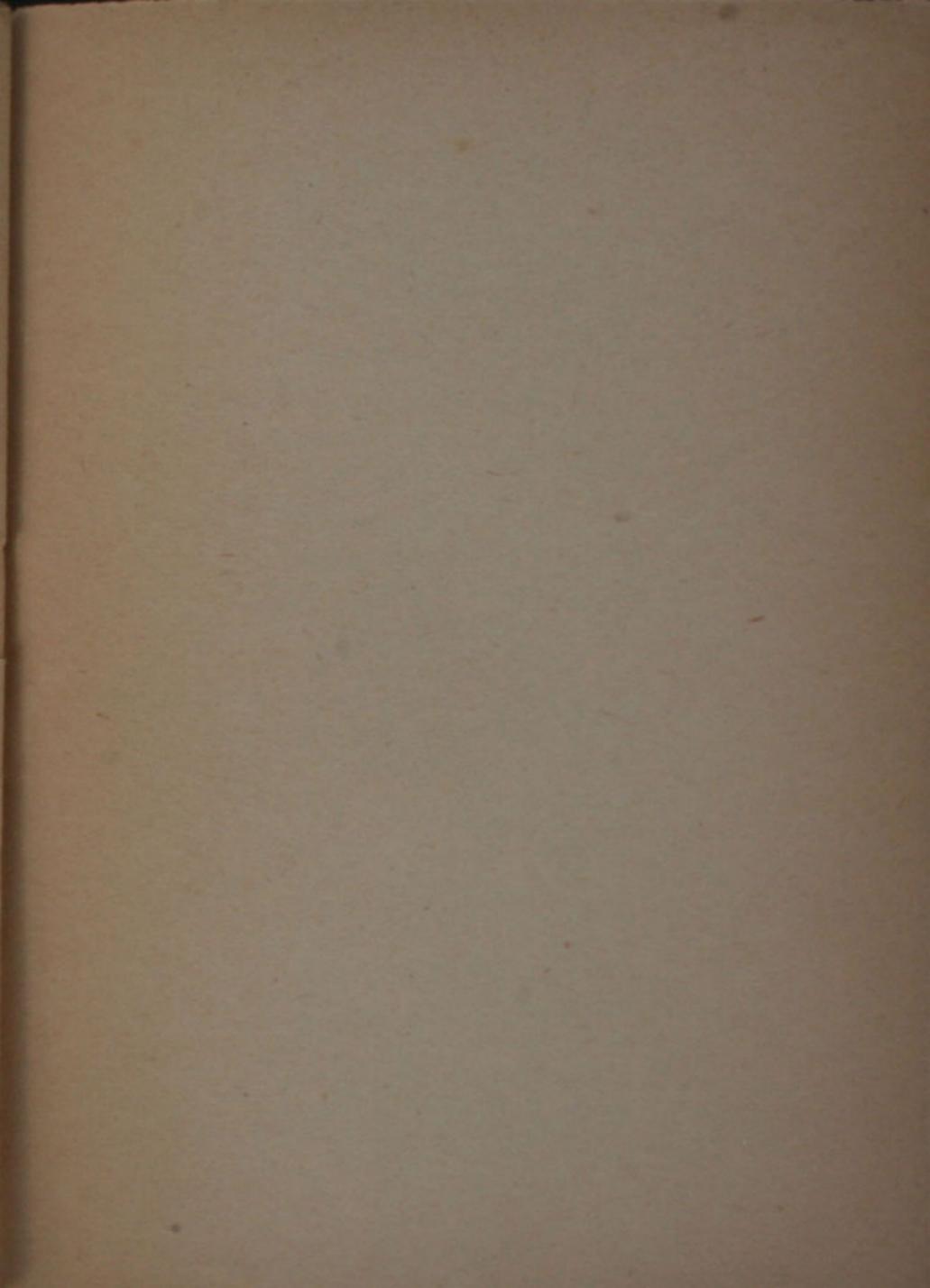
De *A Folha*, de Ponta Delgada, 23 de Fevereiro de 1916 :

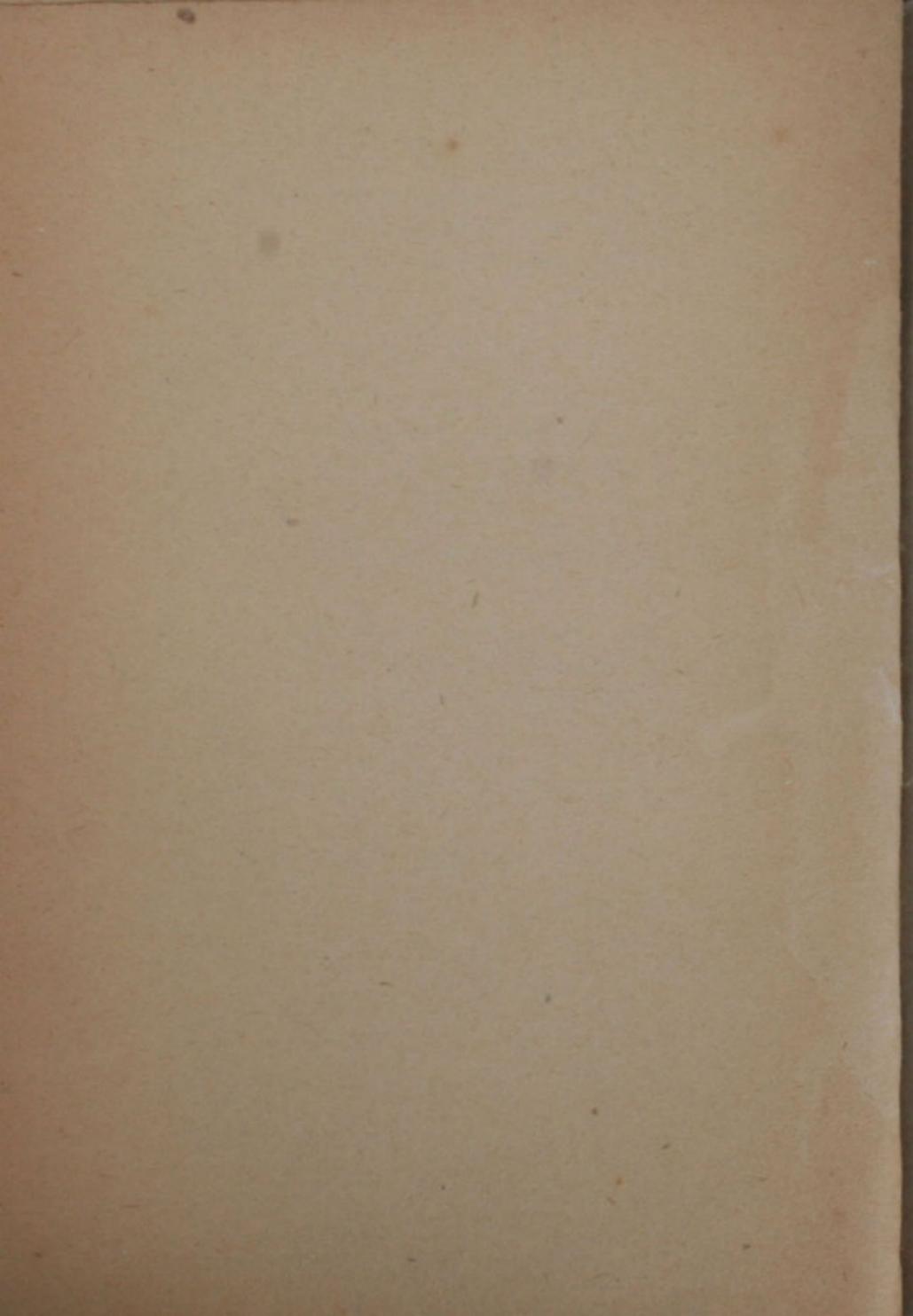
.. *Canção d'amôr, O teu olhar, Amar*, são ainda poesias primorosas e das melhores do livro. Para que transcreve-las ? Leiam-nas, meus amigos, leiam o livro todo, e depois . . .

Depois — deixem passar o poeta que caminha a passos firmes, cavaleiro do Ideal, peregrino da Beleza.

Coimbra, dezembro de 1915.

Armando Correia.





Preço: Trinta centavos

Edição da **ALMA NOVA**
Calçada da Penha de França, 12, 1.º
— LISBOA —